

## Os Museus: entre a Pedagogia e a Interpretação (Um estudo de caso: O Museu de Alberto Sampaio)

Fernando Paulo Oliveira Magalhães

### Os Museus e a sua Função Educativa: Introdução

Quais espaços de cultura fossilizada onde o pó que cobre os objectos, ao lado de um monopólio do Ocidente nas representações da cultura e da natureza, do homem sobre a mulher, da religião cristã, em particular protestante sobre todas as outras, enfim dos *clichés* da modernidade, hoje difundidos pelo mundo, os museus devem assumir urgentemente e sem complexos a áurea dos antigos templos clássicos, seus percursores (cf. Alexander, 1979; Shelton, 1992). No início do novo milénio eles devem ser espaços de afirmação não só do tradicional *main stream*, mas também de todas as outras minorias culturais, quer emergentes, quer das que já encontraram o seu lugar na sociedade.

Mais do que sumptuários cemitérios onde repousam os restos moribundos de uma parte importante da herança cultural, urge que estas instituições despertem, se consciencializem do seu capital acrescido, que constituem os objectos e as colecções, e contribuam desta forma para a dinâmica social. O material dos museus (objectos e colecções), no fundo a sua essência, ao contrário da cultura virtual, do crescente e atractivo mundo da internet ou da televisão digital, apresenta-se a três dimensões, como algo que guarda uma relação metonímica e metafórica com o passado (Susan Pearce, 1992), constituindo concomitantemente sobrevivências a espaços temporais seculares ou milenares, o que faz com que se metamorfoseiem em importantes fontes educativas.

As instituições museológicas podem e devem portanto constituir ver-

dadeiras instituições de recolha, colecção, documentação, preservação, exibição e interpretação não só de uma determinada herança cultural como a que tratamos ao longo deste texto, mas constituirão também a verdadeira voz de todos aqueles que até agora têm sido marginalizados por uma sociedade que muitas vezes teima em manter-se cega perante tudo o que cai fora da maioria. Devem não só beneficiar o público (cf. *Museums Association*, 1991), ou melhor dizendo, certos públicos, mas sim toda a massa que constitui a sociedade.

Os museus modernos, fruto do seu tempo, começaram por marcar as identidades dos países ocidentais e a sua relação com os povos não ocidentais a partir do século XVI, e mais intensamente, das três centúrias seguintes. Na actualidade, devem constituir janelas abertas ao conhecimento da multiplicidade cultural que atravessa o tempo e o espaço, em vez de legitimadores do poder sufocante de uma cultura (ocidental e sobretudo anglo-saxónica), sobre o resto do mundo, ou do seu próprio passado cultural. Visões estas, frequentemente estereotipadas e negativistas. De outra forma teremos que dar plena razão a June Jordan, poetisa negra norte-americana, que em 1971 refere o seguinte:

Levem-me a um museu e mostrem-me o meu ser, mostrem-me o meu povo, mostrem-me a alma da América. Se não me podem demonstrar o meu ser, se não conseguem ensinar ao meu povo o que ele precisa de saber, e ele precisa de saber a verdade, que nada é mais importante do que a vida humana, se não me podem demonstrar e ensinar essas coisas, então, porque não deveria eu atacar os templos da América e amaldiçoá-los? (Schwartz, 1971 in Alexander, 1979).

### **O Museu de Alberto Sampaio: Conhecer uma Parte da Herança Cultural. Entre a Pedagogia e a Interpretação.**

Na sequência das ideias desenvolvidas anteriormente iremos apresentar algumas das formas como um museu de arte sacra conduz ao conhecimento de uma parte da nossa herança cultural, assumindo-se como uma verdadeira instituição educativa. Em causa está mais um

processo de aprendizagem activo, efectuado com a ajuda de um tutor, mas sobretudo aproveitando o capital acrescido proporcionado pela interpretação de objectos tridimensionais, do que um passivo processo de ensino.

Poderíamos afirmar, ainda que talvez com um pouco de exagero, que a acção educativa presidiu à fundação dos primeiros museus modernos (séc. XVI-XVIII). De facto, por esta altura, os museus tinham como função principal educar para os novos valores democráticos da modernidade. Um espaço que se pretendia público, aberto a todos, ricos ou pobres. Ao contrário dos anteriores gabinetes de curiosidades, a instituição museológica era então vista como o melhor meio para servir os ideais da democracia: educação e iluminação de qualquer pessoa, independentemente da sua condição (cf. Hudson, 1975; Alexander, 1979). Mesmo tendo em conta outras funções como a pesquisa, a preservação, a exposição dos objectos, ou ainda o lazer, o seu objectivo fundamental é hoje mais do que nunca, transmitir conhecimentos (Alexander, 1979; Blanco, 1994; Agren, 1995; Hooper-Greenhill, 1998). Os museus são portanto excelentes produtores de conhecimento acerca dos outros e de nós mesmos, mesmo aqueles que têm sobreposto o propósito estético e de lazer ao didáctico, constituem importantes fontes educativas (cf. Blanco, 1994; Hooper-Greenhill, 1998).

Não obstante a sua importância educativa, existem algumas barreiras ao desenvolvimento dessa função que têm acompanhado os museus desde a sua fundação, e que eles necessitam ultrapassar. Uma das maiores dessas barreiras associa-se à imagem que o museu foi construindo acerca de si mesmo ao longo dos duzentos anos que se seguiram à sua fundação, uma espécie de locais incómodos, inhóspitos, frios e aborrecidos, "espaço de cultura fossilizada, contemplação silenciosa e reverente de uma arte elitista, passiva e encerrando a realidade histórico-cultural nas vitrinas" (Blanco, 1994), em que não só se tornaram associados às elites, pouco atractivos à população em geral, ao contrário do que deles era pretendido aquando da sua fundação, como se transformaram em locais pouco ou nada atractivos para essa mesma audiência. Muitos museus já descobriram a forma de ultrapassar esta situação, encontrando e disponibilizando aos seus visitantes a maior variedade de formas possíveis de aprendizagem. Os objectivos deste esforço prendem-se com a condução a uma interpretação mais atractiva dos objectos, ao mesmo

tempo que se apela para a importância histórica, científica, ou outra, do espaço do museu. É neste sentido que museus como o de Alberto Sampaio, detentores de uma inegável importância histórica e artística, sublinham o seu estatuto de locais depositários de uma parte considerável da história e memória colectiva de um povo.

Em todo este processo, sendo óbvio que a interpretação dos objectos é apanágio de qualquer museu, nem todos a executam da mesma forma, o que tem que ver com o tipo de museu em que nos inserimos e objectivos pretendidos, bem como o seu próprio público. Estas três variáveis irão condicionar a forma como ele vai transmitir a sua mensagem. Vejamos o caso do museu em análise neste estudo: Por um lado estamos perante um museu de arte sacra, muito ligado à história de Portugal, cujo objectivo essencial em termos educativos reside na transmissão de conhecimentos acerca dessa história. Por outro, devemos ter em conta que o público esmagador do museu de Alberto Sampaio é constituído sobretudo por estudantes dos mais variados níveis de ensino.

Como já vimos, o museu é um espaço por excelência de transmissão de conhecimentos, contudo, é também do nosso interesse saber como é que ele transmite esses conhecimentos, isto é, como é que exerce a sua função educativa!

A actividade educativa do museu é sobretudo interpretativa, pretende-se ensinar através da visualização dos objectos, enquanto complemento do processo racional de aprendizagem por intermédio das palavras e da verbalização. Para que esta interpretação seja efectuada com mais sucesso, Hooper-Greenhill (1998) propõe dois tipos essenciais através dos quais se processa a educação nos museus, tendo em conta os seus objectos: o directo e o indirecto.

A interpretação por meio de exposições permanentes e temporárias, mostras temáticas e publicações relacionadas com os objectos<sup>1</sup>, bem como

---

<sup>1</sup> Veja-se de entre outra, a seguinte bibliografia: Santos, Manuela de Alcântara; Vassallo e Silva, Nuno, - 1998 *A colecção de ourivesaria do Museu de Alberto Sampaio*, Instituto Português de Museus, Lisboa, bem como Carvalho, José Alberto Seabra, *et. al.*; - 1996 *A colecção de pintura do Museu de Alberto Sampaio, séc. XVI-XVIII*, Instituto Português de Museus, Lisboa.

através da elaboração de material de apoio ao professor<sup>2</sup>, que ocorrem no museu de Alberto Sampaio, é sobretudo um tipo de educação indirecta. Nesta perspectiva educativa podem ser vistos no museu os diaporamas "O Românico e o Gótico no concelho de Guimarães", assim como "Brinquedos das ruas de Guimarães", pretendendo-se com estes últimos, adquirir conhecimentos acerca de algumas das brincadeiras mais comuns entre as crianças de outras épocas. Neste caso, a forma icónica de aprender torna-se muito útil para os estudantes mais novos, uma vez que constitui um modo de aprendizagem mais concreto, simples e imediato (*Idem*).

A maior desvantagem do tipo de educação indirecta reside no facto de ela ser unidireccional e imutável, em que o visitante tem como único companheiro o objecto, ou simplesmente publicações acerca dele, sendo também perdida a capacidade de alterar o material, assim como a sua disposição, trunfos que lhe permitiriam adaptar-se melhor às características do público.

Neste sentido, a educação directa apresenta vantagens acrescidas, uma vez que possibilitando a comunicação interpessoal capacita a mudança da mensagem no acto de comunicação, de acordo com o tipo de público e objectivos traçados (*Ibidem*). Reconhecendo estas vantagens, o museu de Alberto Sampaio tem também apostado na educação directa, destacando-se por exemplo a organização de torneios de jogos medievais, os quais envolvem frequentemente escolas e alunos vestidos com trajes "idênticos" aos que se usavam na época medieval. Através da prática de jogos estratégicos, dispostos ao longo do claustro, como é o caso do alguerque, pretende-se chamar a atenção dos alunos para a sua importância ao longo da Idade Média, conduzindo também a um melhor conhecimento dessa época.

Ainda no âmbito da educação directa, o serviço educativo do Alberto Sampaio organiza os "cursinhos de museu", que têm lugar durante o mês de Julho, em que os jovens dos sete aos quinze anos não só ocupam os seus tempos livres, uma vez que estão no período das férias escolares, como, através da prática de pintura de azulejos, de cerâmica, da utilização da técnica do vi-

---

<sup>2</sup> Como apoio às visitas escolares (7 a 12 anos) estão à disposição do educador os folhetos "D. João I e Guimarães" e "Vamos brincar com coisas sérias".

tral, trabalhos em couro, bordados regionais de Guimarães, construção de fantoches, brincadeiras com o barro e percursos na cidade, são encaminhados para uma viagem ao passado, de forma a apreenderem as técnicas artísticas que eram mais utilizadas na Idade Média, sendo simultaneamente conduzidos à aquisição de conhecimentos acerca desta época da história de Portugal e da cidade de Guimarães. Com os mesmos objectivos, e tendo especialmente como público privilegiado os alunos das escolas, elaboram-se frequentemente actividades de expressão dramática, física e de observação das obras de arte.

Quando o museu tem como visitantes as crianças, a comunicação oral assume uma importância fundamental, na medida em que elas vão descobrindo o significado dos objectos através das histórias da história que lhe são contadas (cf. Agren, 1995), sempre que possível acompanhadas de dramatização. Esta prática é muito comum no museu vimaranense. Contam-se histórias da história do rei D. João I, de Santa Clara, de São João Baptista, de entre outros objectos, auxiliadas pela dramatização, quando tal se pode fazer. Nas palavras da responsável pelo serviço educativo do museu, Dr.<sup>a</sup> Rosa Maria Saavedra, trata-se de aprender, brincando com coisas sérias. Desta forma, verifica-se que no seu processo comunicativo, o museu de Alberto Sampaio utiliza a forma activa para transmitir as mensagens, sendo o grau de intensidade deste tipo de aprendizagem maior ou menor, de acordo quer com o tipo de público, quer com os objectivos pretendidos. O facto deste modo de aprendizagem ser feito por meio de coisas reais como os objectos, ou de pessoas, feitos e actividades, permite-lhe alcançar qualquer pessoa, com qualquer nível de aprendizagem (Blanco, 1994; Hooper Greenhill, 1998).

Para um público mais adulto e exigente, que passa pelos docentes de todos os graus de ensino, de entre outros investigadores, organizam-se desde há oito anos os "Encontros de História Local", onde são divulgados estudos inéditos sobre a história local. Neste caso, a utilização da forma simbólica de comunicação adquire um relevo especial, pois trata-se de uma plateia mais exigente e com um nível de conhecimentos mais elevado (Hooper Greenhill, 1998).

Ainda no que diz respeito ao programa educativo do museu de Alberto Sampaio, destaca-se a preocupação dos seus responsáveis pela adaptação dos temas tratados aos planos curriculares do público estudantil, desde o nível mais primário até ao superior, o que confere uma mais valia à sua função

educativa, pois é assim captada uma melhor atenção a estes visitantes e aos seus educadores (cf. Blanco, 1994).

Contudo, a sociedade não pára, os currículos escolares estão constantemente em mudança, assim como as tendências culturais, e neste sentido, para que o museu seja bem sucedido na sua função educativa, ele não pode ser algo estático, mas activo e dinâmico (cf. Blanco, 1994), adaptando-se a essas mudanças, e no caso do público estudantil, às alterações curriculares delas decorrentes. Assim, devem ser feitos todos os esforços por parte do museu para se tornar mais atractivo, nem que para isso tenha que ir ao encontro dos seus visitantes, pelo que começa a ser cada vez com mais frequência que o museu de Alberto Sampaio, seguindo de resto estas tendências, tem vindo a organizar actividades fora do seu espaço. Para concretizar este objectivo, a Fundação Calouste Gulbenkian e o Instituto de Estudos da Criança colaboraram na elaboração de três "Kits", que as escolas podem requisitar. Estes "Kits", versando os seguintes temas: Bordados Regionais de Guimarães, Brinquedos das ruas de Guimarães e Jogos Medievais de Tabuleiro, pretendem auxiliar o professor na sua tarefa pedagógica, constituindo ao mesmo tempo uma ponte entre o museu e a escola.

Por outro lado, ainda não há muito tempo, o museu colaborou com escolas de Guimarães, facultando informações históricas relacionadas com os aspectos sociais e culturais dos finais do século XIV, como o tipo de vestuário em uso na altura e prestou apoio científico na organização de um cortejo representando a entrada de D. João I em Guimarães, para agradecer a Nossa Senhora da Oliveira a vitória na batalha de Aljubarrota. Com este desfile, que envolveu cerca de 150 crianças vestidas com trajes típicos dessa época, para além de mais 500 outros participantes, pretendeu-se sensibilizar os estudantes em particular, e a população em geral, para um dos acontecimentos considerados dos mais marcantes da história de Guimarães, bem como o importante papel desempenhado pela antiga Colegiada da Nossa Senhora da Oliveira, e pelo actual museu. O cortejo percorreu todo o trajecto que D. João teria seguido, até terminar no largo da Oliveira, onde se realizaram alguns jogos medievais.

A análise dos gestos presentes nos objectos que simbolizam figuras humanas, bem como a sua representação têm constituído outro instrumento

pedagógico fundamental para a compreensão do significado desses objectos. Neste processo, torna-se mais fácil transmitir conhecimentos partindo-se do mais simples, do particular, daquilo que já é conhecido para o mais complexo, até se chegar ao geral, o sistema cultural (cf. Blanco, 1994; Schouten, 1983 *in* Hooper-Greenhill, 1998). Tomemos como exemplo a interpretação da expressão gestual demonstrada pelo rei D. João I nas pinturas do século XVII, actualmente em exposição na sala de Aljubarrota do museu de Alberto Sampaio.

Aos estudantes, fundamentalmente aos mais novos, é solicitado que observem e interpretem a forma como o rei coloca as mãos e os braços, antes e depois da batalha. Como eles sabem que as mãos fechadas significam pedir e os braços abertos, agradecer, facilmente compreendem o significado gestual do rei. A partir daqui parte-se para conceitos cada vez mais complexos, como: Pedir o quê? Agradecer o quê? Pedir para vencer a batalha de Aljubarrota, e agradecer a vitória nessa batalha. Mas o que é uma batalha? Porquê batalha de Aljubarrota. O que é que ela tem a ver com Portugal. Em suma, partindo-se do mais simples para o mais complexo, pretende-se que os estudantes compreendam os conceitos mais abstractos relacionados com a história do seu museu, do concelho e do país.

Quando se pretende fazer uma visita educativa ao museu, outro factor a ter em conta consiste na pequena quantidade de objectos a ajuizar (Blanco, 1994), mais vale qualidade do que quantidade. Neste contexto, o museu de Alberto Sampaio, enquanto museu de arte histórica, tem preconizado como linha de actuação, a selecção de poucos objectos, nomeadamente aqueles que são considerados mais informativos de acordo com os objectivos estabelecidos, e dentro destes, são ainda escolhidos os nomes e datas históricas, de forma a não pressionar os estudantes, fazendo-os perder o interesse pelo museu, que irão considerar aborrecido.

No âmbito educacional dos museus é também muito importante ter em consideração que os visitantes, quer em grupo, quer individualmente<sup>3</sup> possuem diferentes capacidades em determinadas áreas. Tal como em qualquer

---

<sup>3</sup> Por exemplo, um grupo de jovens estudantes não é igual a outro de reformados, e mesmo dentro do grupo, diferentes pessoas possuem diferentes capacidades.

outra instituição educativa, também no museu existem múltiplas capacidades que nem todos partilham da mesma forma, sejam linguísticas ou lógico-matemáticas, espaciais ou musicais, corporal-cénicas ou inter e intrapessoais (Gardner, 1983; 1990 *in* Hooper-Greenhill, 1998). Assim, para aumentar o seu potencial educativo, os museus devem, sempre na medida do possível, elaborar actividades que tenham em conta o estímulo e o desenvolvimento de todas estas capacidades.

O museu de Alberto Sampaio editou um pequeno livro sob o título: *Luísa vai ao Museu de Alberto Sampaio*, em colaboração com o Instituto Português de Museus, através do qual os estudantes mais novos recorrendo à leitura, vão descobrindo aspectos relacionados com alguns dos objectos do museu. Neste caso, estimulando a leitura, pretende-se conduzir os estudantes à descoberta do significado do museu. A inteligência corporal-cénica constitui também um dos recursos do museu, em que com frequência um aluno faz ou imita entusiasmadamente as expressões de um determinado objecto de forma a melhor entender ou ajudar os outros alunos a apreender o significado associado a esse objecto.

Por vezes, na interpretação não só dos objectos, mas também do próprio edifício em si, invoca-se a utilização não só de um, mas de vários sentidos, potenciando desta forma a capacidade de compreensão. Assim, para entender as origens do museu, o significado do claustro da antiga colegiada, e a sua relação com a história medieval apela-se à capacidade de visualização das imagens dos Santos dispostas ao longo do claustro, de audição de música gregoriana, e da experimentação do sentimento de um ambiente muito particular. Estes sentidos são associados a um espaço já conhecido pelo aluno, a igreja, de modo a que seja possível cumprir mais facilmente o objectivo educativo do museu.

Existem ainda outras formas que o museu de Alberto Sampaio utiliza para auxiliar e estimular os estudantes a interpretar os objectos. Verifica-se neste caso a colocação de questões, com uma panóplia de respostas diferentes, de entre as quais o público deve escolher a acertada. Como incentivo à participação, os responsáveis pela área da educação do museu decidiram oferecer um postal a cada estudante que responda correctamente às diversas soluções apresentadas para cada questão, o que se tem verificado

despertar realmente o interesse dos jovens. A motivação que é assim incrementada constitui um dos maiores passos para que a tarefa educativa do museu seja realizada com sucesso.

Em resumo, pode-se afirmar que o museu de Alberto Sampaio em particular, e todos os museus em geral, apresentam no seio das instituições educativas vários aspectos que os tornam inovadores e perfeitos para a aprendizagem. Ao contrário das escolas oficiais eles não possuem um currículo definido. Este factor permite às instituições museológicas uma maior flexibilidade, de forma a adaptarem-se mais facilmente às características dos estudantes, quer em grupo, quer individualmente, independentemente da sua idade, assim como aos currículos escolares de qualquer ano. Os museus constituem concomitantemente um modo informal de aprendizagem (cf. Camacho, 1995) para qualquer tipo de público, de qualquer grupo ou classe social, desde os já referidos estudantes, até aos idosos reformados. A este propósito, destaque-se os projectos que o museu de Alberto Sampaio possui para conquistar grupos de crianças do ensino pré-primário, de idosos, de deficientes e de reclusos.

Por todos estes motivos pode-se dizer que os museus assumem-se como importantes instituições formativas que podem acompanhar os visitantes ao longo da sua vida. Por outro lado, não se deve desperdiçar o capital acrescido do museu, que representa a excitação da sua visita. Pelas suas características, ele provoca um entusiasmo imediato, que se bem aproveitado pode constituir o primeiro passo para o sucesso da aprendizagem.

### **Concluindo...**

Vivemos tempos de mudança, desde a fundação dos primeiros museus modernos, o mundo já assistiu a várias revoluções, a duas guerras mundiais, a processos de colonização e de descolonização, enfim, em tão pouco tempo, a uma panóplia de eventos que têm alterado as relações entre os diferentes povos e culturas de todo o mundo (cf. Appadurai, 1995). E os museus, qual tem sido a sua posição perante estes acontecimentos?

Em princípio, enquanto produto social, o mundo dos museus tem sido

afectado, assim como tem também contribuído para a dinâmica sociocultural. Mas será que esse mundo se encontra preparado para estar na vanguarda dessas mudanças? Para não mais ocupar um lugar ao lado do poder hegemónico, de uma cultura dominante sobre todas as outras?

Testemunhos de países multiculturais como o Canadá, os Estados Unidos da América, a França ou a Grã-Bretanha (Karp; Lavine, 1991; Vogel, 1991; Pearce, 1992; Shelton, 1992) demonstram-nos que pelo menos em alguns dos países centrais, as instituições museológicas têm feito grandes esforços para transmitirem às gerações presentes e futuras, não somente as representações da cultura dominante (ocidente e mesmo dentro deste, o dito *main stream*), mas também das outras culturas ou sub-culturas. Os museus actuais devem educar para a diversidade, para o multiculturalismo, mesmo aqueles como o de Alberto Sampaio, que enfatizam a nossa herança cultural, o devem fazer. Porque é que se observa uma importante parte do nosso passado cultural neste museu, em que se dá relevo à importância social e cultural da Igreja Católica na constituição da cultura portuguesa, e se esquece o papel de tradições religiosas que também marcaram (por ex. o judaísmo ou o islamismo), assinalam e continuarão a marcar o permanente fazer-se da nossa cultura?

De facto, salvo muito raras excepções, o mundo fechado dos museus portugueses, mais do que as condicionantes financeiras, não tem permitido a sua preparação para uma sociedade cada vez mais multicultural, ao mesmo tempo que práticas museológicas frequentemente arcaicas e falta de recursos humanos qualificados não têm permitido a conquista de novos públicos. Enquanto fontes educativas, os museus portugueses devem preocupar-se mais com uma pedagogia intercultural em vez de continuarem a constituir redutos da tal cultura fossilizada.

## Referências Bibliográficas

- AGREN, P. U., - 1995 "Museus, Educação e Política Cultural", in *I Encontro sobre Museologia e Educação*, Câmara Municipal de Setúbal, Setúbal, pp. 11-26.
- ALEXANDER, P. E., - 1979 *Museums in Motion: An Introduction to the History and Functions of Museums*, The American Association for State and Local History, Nashville, Tennessee.
- APPADURAI, A., - 1995 "Global Ethnoscapes: Notes and Queries for a Transnational Anthropology", in Fox R. G., (ed.) *Recapturing Anthropology*, School of American Research Press, Santa Fé, New Mexico, pp. 191-209.
- BLANCO, Á. G., - 1994 *Didáctica del Museo: El descubrimiento de los objetos*, Ediciones de la Torre, Madrid.
- CAMACHO, C., - 1995 "Museologia e Educação: Comunicação de Abertura do Encontro", in *I Encontro sobre Museologia e Educação*, Câmara Municipal de Setúbal, Setúbal, pp. 3-10.
- CARVALHO, J. A. S., et. all; - 1996 *A coleção de pintura do Museu de Alberto Sampaio, séc. XVI-XVIII*, Instituto Português de Museus, Lisboa.
- HOOPER-GREENHILL, E., - 1998 (1994) *Los Museos y sus Visitantes*, Ediciones Trea, Gijón.
- HUDSON, K., - 1975 *A Social History of Museums: What the Visitors Thought*, London.
- LAVINE, S., Karp, I., - 1991 "Introduction: Museums and Multiculturalism", in Karp I., e Lavine S. D., (eds.) *Exhibiting Cultures - The Poetics and Politics of Museum Display*, Smithsonian Institution Press, Washington, pp. 1-9.
- Museums Association, - 1991 "Code of Conduct for Museum Curator's", *Museums Yearbook*: 13-20, Museums Association, London.
- PEARCE, S. M., - 1992 "Museums, Objects and Collections", in Pearce S. M., (ed.) *Museums, Objects and Collections: A Cultural Study*. Leicester University Press, Leicester and London, pp. 1-14.
- SANTOS, Manuela de Alcântara; Vassallo e Silva, Nuno, - 1998 *A coleção de ourivesaria do Museu de Alberto Sampaio*, Instituto Português de Museus, Lisboa.
- SHELTON, A., - 1992 "The recontextualization of Culture in U. K. Museums", in *Anthropology Today*, vol. VIII, N.º5, October, pp. 11-16.
- VOGEL, S., - 1991 "Always true to the object, in our fashion", in Karp I., e Lavine, S. D., (eds.) *Exhibiting Cultures - The Poetics and Politics of Museum Display*, Smithsonian Institution Press, Washington, pp. 191-204.